

Comentários sobre um processo.

Bruno de Macedo Zorek¹

Franz Kafka. O Processo. O autor dispensa apresentações. Entretanto o livro, que é o objeto a ser comentado, pede alguma apresentação, e este é o tema do meu texto...

O processo é um livro inacabado (o que não é o mesmo que incompleto); há um início e há um final bem definidos, no entanto o que está entre esta e aquela etapa não foi terminado pelo autor. Os capítulos não prontos explicariam alguns aspectos do processo, mas não o esclareceriam, pois esta obra não é acessível ao leitor – bem como não o é para o herói do livro.

Mas o que é o processo? K., o protagonista, quando acorda em uma determinada manhã, é informado que está detido e que tem, a partir de então, algumas obrigações para com a justiça em função do seu processo. A detenção de K. não é uma detenção comum, pois K. não é privado de sua liberdade, nem encarcerado em lugar nenhum; ele continua trabalhando e vivendo sua rotina, todavia está detido. E o que se descobre ao longo do texto não esclarece muito mais. Em verdade apenas se sabe que há um processo.

K. é o procurador de um grande banco, um profissional com futuro promissor. Possui um poderoso adversário: o vice-diretor do banco, além de ser mal visto por alguns membros da justiça. No entanto há quem simpatize com o herói – o diretor do banco é um exemplo – e mais as numerosas mulheres que o ajudam e apóiam (a dona da pensão; a secretária do seu advogado; uma vizinha de quarto; a mulher do zelador de um prédio da justiça; etc.).

K. estabelece relacionamentos amorosos com diversas dessas mulheres. Porém há uma peculiaridade nisso: tais momentos sempre surgem de maneira onírica, ainda que K. não pareça estar sonhando. Daí que não se sabe até que ponto

¹ Graduação – História/UFPR.

K., de fato, vivenciou esses relacionamentos.

E há a justiça. Tal instituição merece uma “explicação parágrafo” exclusiva. Em primeiro lugar, a justiça que processa K. não é a justiça comum, mas paralela à ordinária. Essa instituição é organizada de forma hierárquica e especializada, isto é, há um sem-número de cargos subjugados uns aos outros (como qualquer estrutura hierárquica) e os funcionários são ultra-especializados, de forma que não sabem (ou sabem muito pouco) a respeito dos assuntos dos seus colegas e superiores, além de não conhecerem o funcionamento da instituição para a qual trabalham, nem os assuntos dos quais essa justiça trata. Mas algo que todos sabem é que há nessa instituição duas divisas importantes: os tribunais inferiores e os tribunais superiores. Os inferiores são de difícil acesso, porém não inacessíveis; os superiores, por outro lado, possuem uma dimensão quase divina e nenhum ser humano tem condições de chegar a eles.

Também a apresentação da justiça é peculiar. Em todos os prédios da periferia da cidade há secretarias dessa justiça, localizadas nas água-furtadas dos edifícios. A organização dessas secretarias, mais os acontecimentos que se dão nesses prédios são o que de mais onírico aparece no livro. Desde subornar um pintor medíocre a disputar o amor de uma mulher com um estudante acontece nas secretarias. Sendo assim, pode-se dizer que a postura da justiça é no livro o lugar do onírico por excelência.

K., portanto, está sendo processado, mas nem ele, nem seu advogado, nem ninguém sabe por quê. Uma forma de se conseguir informações e favores acerca do processo é a corrupção de determinadas pessoas ligadas à justiça. Entretanto os grandes esforços empreendidos nessa direção (afinal não se conseguiriam as informações ou os favores sem grandes esforços) não alteram em nada o andamento do processo (e nem poderiam alterar) e, talvez, só prejudiquem K. quando dos julgamentos nos tribunais superiores. O protagonista, mesmo estando avisado das dificuldades dessa opção, investe algum esforço nisso. E, como era previsto, não obtém resultados.

O protagonista se mostra um tanto quanto presunçoso em grande parte do texto. Tal comportamento faz com que K. abandone seu advogado a partir de um determinado momento (acredita que este último não está administrando bem os seus negócios e que ele mesmo poderia tratar disso com maior competência); também despreza as pessoas que não estão no mesmo “nível” que o seu, um nível tanto social quanto físico em alguns momentos; os mais fracos, os menos capazes e os inferiores na hierarquia social não merecem consideração do herói. K., considerando-se mais capaz que qualquer outro para cuidar do seu processo, acaba complicando sua situação no banco, mas não chega a perder o emprego... antes que isso aconteça, ele põe fim à história de forma trágica: como ele mesmo diz: “Como um cachorro!”... K. é executado pela justiça, dois homens o levam para um lugar isolado e (depois de uma estranha troca de gentilezas) matam-no com uma facada no coração.

O fundamental deste livro não é o final da história – que é quase deduzível. O importante é o desenvolvimento, o aniquilamento do personagem por ele mesmo. O processo é um catalisador da desgraça que é inevitável ao herói. O final é apenas um desfecho óbvio para o grande “processo” que é todo o livro.

KAFKA, Franz. *O Processo*. São Paulo: Hemus – Livraria Editora LTDA., 1969.